

Sonho (e sou sonhado), logo existo
– A Dinâmica Criativa na Trama Relacional

Mario Alfredo De MARCO¹

“Nada é fixo para quem alternadamente pensa e sonha”

Gaston Bachelard

Brincando com Descartes

O título inicial para a minha exposição seria: “sonhos e mitos – o inconsciente criativo”. Não fiquei inteiramente satisfeito. Penso que o fato de participar de um congresso de criatividade me motivou a pensar em outro título que soasse mais criativo, mais provocativo.

Meditando sobre a essência do que gostaria de transmitir, algumas idéias foram se cristalizando:

- A construção do ser como um fenômeno criativo. A noção de que o ser está num processo de criação e recriação permanentes.
- Que o processo de criação do ser ocorre numa dialética entre o Ego e o Self.
- Que os sonhos e os mitos são coordenadores do processo criativo.
- Que a criação e recriação do ser é sempre dependente da relação Eu-Outro, esteja esse outro encarnado no próprio Self ou numa relação.

Das imagens que acompanhavam essas reflexões, as mais significativas eram:

- Uma imagem referida por Jung onde lhe aparecia a visão de um iogue meditando e pensava que ele e sua vida estavam sendo sonhadas por aquele iogue. Tão pronto o iogue abandonasse seu estado, Jung e sua vida deixariam de existir.
- Essa imagem remetia a outra, muito conhecida, do mestre que dizia haver estado a sonhar que era uma borboleta e que agora, era assaltado por uma dúvida: não

¹ Professor Adjunto da UNIFESP, Analista Junguiano

sabia se era um homem que havia estado a sonhar que era uma borboleta ou se era uma borboleta que agora sonhava que era um homem.

- Uma mãe segurando um filho pequeno no colo, sonhando pela criança. A idéia de que a mãe precisa alimentar a criança não só com leite mas também com sonhos. Precisa sonhar com a criança e pela criança.

- Um casal de namorados: o poder transformador do sonho da paixão.

Essas perspectivas, que indicam o papel fundamental, fundamentante do sonho na criação do ser, me motivaram a fazer o jogo com Descartes. Um jogo sério, pois, fundar o ser no pensamento é um trágico engano.

Problemas com a imagem

A linguagem do senso comum incorporou um preconceito, advindo de uma postura racionalista defensiva com relação à imaginação pois, quando dizemos que alguma coisa é pura imaginação, que é um sonho, queremos indicar algo que é falso, uma inverdade. A realidade, o ser, habitam ou no pensamento ou na matéria.

Na verdade, essa questão parece ser mais antiga. Se examinamos o dualismo cartesiano, contra o pano de fundo das origens de nossa cultura, podemos entrever como essa perspectiva prolonga, numa visão filosófica, elementos de uma dissociação que já está presente na base religiosa da cultura ocidental. Um favorecimento brutal da abstração e um afastamento em relação à natureza, ao mundo material e suas representações que, são dessacralizadas e identificadas irrestritamente como fonte de pecado, são a marca dessa postura religiosa. As imagens, banidas dos templos da religião, serão da mesma forma desconsideradas nas academias da ciência, reduzidas a meros arranjos combinatórios das reproduções dos objetos das sensações, pois, a perspectiva cartesiana se alimenta nessa perspectiva religiosa e a prolonga na filosofia e na ciência.

O resgate

Falamos em resgate pois, o interesse e a valorização do campo da imaginação, que inclui fantasias, sonhos, devaneios, enfim, toda sorte de pensamento não dirigido é na verdade muito antigo.

O interesse pelos sonhos, a interpretação dos sonhos é prática comum desde tempos imemoriais. Alguns exemplos famosos chegaram até nós, como é o caso de José, que angariou grande fama no Egito, junto ao Faraó, graças à sua habilidade para interpretar os sonhos.

É clássico o sonho em que o Faraó se vê em pé junto ao Nilo de onde surgem sete vacas de bela aparência e bem cevadas e atrás delas outras sete vacas, feias de aparência e mal-alimentadas, que devoram as sete vacas gordas. A interpretação, em que José prevê sete anos de abundância, seguidos de sete anos de seca e fome, ao cumprir-se, lhe valem o reconhecimento e a fama.

Temos aí um exemplo da interpretação de um sonho premonitório.

Uma passagem interessante na vida de José é o sonho infantil que determinou seu destino: “ouvi o sonho que tive, disse José a seus irmãos, pareceu-me que estávamos atando feixes nos campos, e eis que o meu feixe se levantou e ficou de pé, e os vossos feixes o rodearam e se prostraram diante do meu... Tive ainda outro sonho: pareceu-me que o Sol, a Lua e onze estrelas se prostravam diante de mim.”

Com toda certeza se José, nessa ocasião, tivesse sua habilidade de interpretar os sonhos mais desenvolvida não teria contado o sonho a seus irmãos, pois, ao que tudo indica, esse sonho procurava anunciar a grandeza do sonhador (da qual ele provavelmente não tinha consciência). Mas, então, seu destino não teria se cumprido.

Muitos séculos depois de José, coube a Freud reconhecer e resgatar a linguagem esquecida dos sonhos. Ele compreendeu que os sonhos não são processos aleatórios e desprovidos de sentido e significado, mas pelo contrário, tem uma importante função para o equilíbrio psíquico.

“A Interpretação dos Sonhos”, um verdadeiro tratado, abre nosso século, conferindo aos sonhos o papel de via régia para o inconsciente. Para Freud os sonhos estavam diretamente vinculados à satisfação disfarçada de desejos inconscientes.

O resgate de Freud não se limita aos sonhos, mas, abarca todo campo imaginativo. Sua perspicácia e engenho lhe permitiram transformar um grande desapontamento numa revelação que se tornou um dos pilares da psicanálise.

A decepção correu por conta da verificação de que a maioria dos traumas sexuais infantis relatados por seus pacientes e a partir dos quais construíra sua teoria, não haviam

ocorrido de fato. Sua obstinação, sua grande capacidade de observação e o respeito que dedicava aos pacientes, não permitiram que resvalasse para a solução fácil de descartar como simples mentiras as revelações que lhe foram confiadas.

Um exame mais cuidadoso possibilitou a percepção de que essas idéias e crenças tinham uma força inquestionável de verdade para os pacientes, levando-o à constatação da existência de uma vida de fantasia, insuspeitada para o próprio paciente, a influenciar e determinar seu comportamento.

A constatação significativa é de que, essas fantasias, tem força e eficácia que as torna tão ou mais reais que a chamada realidade para a pessoa que inadvertidamente está sob sua influência.

Jung discípulo de Freud, aderiu firmemente às descobertas sobre a importância do sonho e sua condição de via régia para o inconsciente. O sonho, dentro do trabalho de Jung teve seu valor ainda mais ampliado. A partir de suas observações ele conclui que o sonho não é simplesmente uma realização disfarçada dos desejos, mas uma função psíquica de fundamental importância para o crescimento e a individuação do sujeito.

De fato, na concepção junguiana, o sonho tem uma função de regulação do desenvolvimento rumo à individuação. O sonho, através de processos compensatórios, procura favorecer a realização dos potenciais do indivíduo e, ao mesmo tempo, corrigir unilateralidades ou desvios que afastem o indivíduo de sua natureza integral.

Pura Imaginação

Jung deu um tratamento especial a todo campo imaginativo. Sua atitude era de um respeito profundo à realidade da imagem. Ele interagiu com a realidade imaginativa respeitando a autonomia da imagem e sua objetividade. O confronto e a interação com a imaginação tornou-se, na realidade, uma marca distintiva de sua abordagem.

Através da abertura para o fluxo psíquico, entreviu a existência de imagens que se ocultavam “atrás” das emoções. Ele verificou a estreita associação existente entre emoção e imagem, bem como o efeito salutar do ponto de vista terapêutico de tornar conscientes as imagens que “habitam” as emoções.

Num aprofundamento mais radical, Jung irá confrontar as imagens e os personagens de sua imaginação abordando-os como se fossem seres reais, dando nomes e interagindo de

maneira sistemática com alguns. Verifica que esses personagens psíquicos constituem a base de nossa personalidade e são perfeitamente “reais”, no sentido que não são fabricados pelo sujeito mas se apresentam a ele. Dentro dessa perspectiva, seria mais pertinente dizer que o sujeito é construído pela imaginação do que o inverso.

A imaginação tem, então, tanta objetividade quanto o mundo exterior. Em função disso, Jung costuma denominar o inconsciente como psique objetiva, visando realçar o fato de que para o sujeito ele é tão ou mais objetivo quanto a chamada realidade exterior.

Estamos sempre sonhando

Embora o fenômeno que denominamos sonho ocorra com suas características plenas durante alguns períodos da noite, existe uma tendência a considerar que a atividade onírica está em funcionamento o tempo todo. Silenciada pela luz da consciência, ela ganha visibilidade tão logo alguma ocorrência ou intenção obscureça a consciência.

Uma analogia que se costuma usar para ilustrar a presença constante do mundo do “sonho” em nossa vida é a do céu estrelado: de noite enxergamos as estrelas porque elas não são ofuscadas pela luz do sol. De dia elas desaparecem para a nossa visão mas, seguramente, continuam existindo e exercendo sua influência.

“Sonhamos” o tempo todo. Todas as nossas experiências estão sendo vivenciadas e interpretadas à luz de nosso mundo onírico. Sonhamos o nosso corpo, sonhamos o mundo, sonhamos as nossas relações. A parte mais substancial da psique está continuamente envolvida numa atividade imaginativa, continuamente vivenciando e relembrando em sua linguagem metafórica, mitopoética.

Existe toda uma teoria do pensamento que considera que o trabalho onírico é indispensável para que a experiência possa ser “metabolizada” e disponibilizada para a atividade do pensamento. Estamos nos referindo particularmente ao trabalho de Bion. Para ele, o trabalho onírico é um verdadeiro trabalho digestivo da experiência. Ele postula, já na relação mãe-filho a importância de uma mãe com uma capacidade de *revèrie* que, no caso seria essa capacidade de metabolização da experiência que o bebê precisa que seja inicialmente desempenhada pela mãe. Dessa forma a mãe “sonha” pelo seu bebê.

Neumann, numa linha semelhante, postula que o Self do bebê em seus primórdios é desempenhado pela mãe.

O Self dentro da perspectiva da psicologia analítica é o centro da personalidade e ao mesmo tempo a personalidade total, ao passo que o ego é o centro da consciência.

Criador e Criatura

O conceito de Self (grafamos em maiúscula para distinguir) na visão junguiana é diferente do self da psicanálise. Enquanto nesta ele equivale à personalidade empírica, condicionada, na perspectiva junguiana ele é tanto o centro orientador, fonte e dirigente do impulso para a individuação, quanto a totalidade. Ele é ao mesmo tempo o centro e a circunferência.

Por analogia, podemos dizer que o Self está para o ego assim como o Criador está para a Criatura.

Freud costumava mencionar o que considerava as tres grandes feridas narcísicas da humanidade. A primeira a atribuía a Copérnico que, ao retomar a teoria heliocêntrica, desloca nosso planeta para uma periferia muito distante da posição central que lhe parecia destinada. A segunda, no seu entender, é inflingida por Darwin que com sua teoria da evolução das espécies confronta o homem com sua ancestralidade simiesca, afastando-o de sua posição singular na criação. A terceira, Freud a credita à sua criação, a psicanálise, que ao postular a existência de uma dimensão psíquica inconsciente nos confronta com um quadro nada lisonjeiro para o orgulho humano, ao demonstrar que dentro de sua própria casa, sua psique, nos seus recessos mais íntimos, o homem, enquanto identificado com seu “eu”, sua consciência, está muito longe de ser o patrão. Pelo contrário, via de regra, ele está sujeito à ação de forças imperativas que o fazem de juguete, em geral de forma inadvertida.

Jung assumiu plenamente as consequências do “descentramento” introduzido pela perspectiva do inconsciente. Sua posição filosófica sempre se centrou no “esse in anima”, um giro de 180 graus em relação à posição tradicional de sua época. Não é a psique que está no homem mas o homem que está na psique, sendo que é importante destacar-se nesse afirmação que ele não diz simplesmente que o homem está na sua psique mas que ele está na psique.

Da mesma forma, podemos afirmar que, não é o inconsciente que está no homem mas o homem que está no inconsciente. Destacando, aqui também, que não é no seu inconsciente mas no inconsciente.

O inconsciente para Jung não é simplesmente o repositório do material reprimido mas o manancial de todas as possibilidades de desenvolvimento. É o incomensurável, o desconhecido e o incognoscível. Ou numa linguagem imagética, a encarnação da divindade.

“Eu era um tesouro escondido desejando ser conhecido. Por isso produzi as criaturas afim de me conhecer nelas”. Assim, tenta, o sufismo, formular numa imagem o mistério insondável do inconsciente, da criação e da consciência.

Uma lenda conta que depois de haver criado a raça humana, os deuses entraram numa discussão a respeito de onde esconder as respostas para as questões da vida, para que os homens se vissem forçados a procurá-las.

-Podemos escondê-las no topo de uma montanha. Eles nunca irão procurá-las lá – disse um deus.

-Não – disseram os outros – Eles logo as encontrarão.

-Podemos ocultá-las no centro da Terra. Eles nunca irão procurar lá – sugeriu outro deus.

-Não – replicaram os outros. – Eles logo as encontrarão.

-Então outro deus disse: - Podemos escondê-las no fundo do mar. Eles nunca irão procurar lá.

-Não - disseram os outros – eles logo as encontrarão.

Todos se calaram...

Depois de algum tempo outro deus sugeriu:

-Devemos colocar as respostas às questões da vida dentro dos homens. Eles nunca irão procurar lá.

E assim fizeram.

A função religiosa

O “homo sapiens”, por onde quer que se estabeleça, será sempre um “homo religiosus”, saiba disso ou não. Consciência e religião são fenômenos inseparáveis pois,

criar consciência significa um corte, uma separação. Miticamente, é a perda do paraíso, a queda, o desligamento de uma situação original, que instala a necessidade de busca e restauração da unidade perdida. A necessidade de um relacionamento, uma re-ligação com o todo.

A função religiosa é uma função psíquica que busca a religação com o todo, o relacionamento com os poderes transpessoais. Ela é que está na base do surgimento das religiões.

Etimologicamente, religere (latim) refere-se a consideração cuidadosa. Uma consideração cuidadosa em relação aos poderes que ultrapassam e ameaçam o homem; consideração cuidadosa em relação ao que R.Otto muito apropriadamente chamou de numinoso (numen, “deus”), um “mysterium tremendum et fascinans”.

O sonho é manifestação privilegiada da função religiosa. Ele pode ser encarado como uma mensagem de uma inteligência superior, um processo orientador da incessante dialética entre consciente e inconsciente.

O sonhar de uma forma ampla(que inclui fantasias, devaneios etc.), pode ser visto como um movimento de contato e encarnação das energias transpessoais.

Através do sonho da paixão, por exemplo, mobilizamos energias transpessoais (as qualidades que “idealizamos” no outro) que em alguma medida acabam por encarnar-se. O sonho da paixão é criador, para o apaixonado e para o objeto da paixão.

Foi através do canal de sua paixão por Beatriz que Dante pode vislumbrar a face trinitária da divindade.

A trama relacional

No plano do senso comum de nossa consciência discriminante, reconhecemos com relativa facilidade nossos limites, nossa individualidade. No plano de nossa consciência onírica as coisas se passam de outro modo pois, à medida que a luz da consciência vai se ofuscando, mergulhamos mais e mais numa realidade onde os limites eu-outro, interno-externo vão se turvando, dando lugar a uma realidade mais e mais indiferenciada, mais próxima de um caráter universal e cósmico.

Do ponto de vista de uma consciência discriminada, a relação com o Self é vivida como uma relação entre um *eu* e um *tu* que pode ser vivenciada tanto no plano interno quanto através de uma manifestação no mundo externo (o mundo, um outro ser humano ou a projeção de uma imagem arquetípica).

Na perspectiva da psicologia analítica o processo de individuação não visa a cristalização de uma diferenciação entre *eu* e *outro*, pois esse *outro* como representante do inconsciente, do Self, é inesgotável. Sempre resta muito mais para ser experimentado do que é possível saber ou contar.

O objetivo da individuação não se detém no fortalecimento do ego enquanto centro da consciência. Com certeza este é um dos passos importantes mas não o objetivo final.

O objetivo final da individuação é a conquista e o estabelecimento de uma posição intermediária entre ego e Self, entre *eu* e *outro*, entre consciência racional e consciência onírica, para que seja possível um fluir constante entre discriminação e indiscriminação, diferenciação e indiferenciação.

O inconsciente é inesgotável e, é através da entrega na relação com o Outro, numa dialética de diferenciação e indiferenciação, de sonhar e ser sonhado que o ser vai se construindo.

A criatividade do ser (criando e recriando o ser)

Na trama de relações o ser vai se criando e recriando (ou seria melhor dizer, sendo criado e recriado). Os sonhos e os mitos são retratos auto-configurados da trama arquetípica. Eles são tanto a expressão quanto o instrumento da estruturação do ser e da cultura; os elementos integrantes da raiz de onde emerge nossa estrutura psíquica e social. Toda transformação ocorre através de um ciclo morte-renascimento e os sonhos e os mitos orientam esse processo indicando caminhos, desvios, perigos e situações propiciatórias.

Uma figura central no ciclo de morte-renascimento é a figura do herói. O herói traz a energia da mudança. Ele é o instrumento através do qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações humanas propiciando sua encarnação no indivíduo e na cultura.

Somos todos heróis! Quando contemplamos os fatos de nossa vida a partir de sua perspectiva mais real (isto é, a partir de uma perspectiva onírico-mitológica), percebemos

as lutas titânicas que temos de enfrentar. Do nascimento à morte, as incontáveis passagens dramáticas, os labirintos, as feras, os dragões, as batalhas que nos esperam.

Somos heróis! Temos heróis! Em nossa trama de relações, ora encarnamos e somos sonhados como heróis ora sonhamos o herói no outro. E, há os grandes heróis! Aqueles que encarnam e são sonhados por todo um povo ou até mesmo, em nosso mundo globalizado, por toda a humanidade.

Referências bibliográficas

BION, Wilfred R. - *Atenção e Interpretação*, Imago Editora, Rio de Janeiro - 1973.

CAMPBELL, Joseph - *O herói de mil faces*, Cultrix-Pensamento, São Paulo - 1988.

CORBIN, Henry - *L'Imagination Créatrice dans le Soufisme D'Ibn'Arabî*, Flammarion, Paris – 1958.

DE MARCO, Mario Alfredo - *Sendas do Imaginário - Uma perspectiva arquetípica em psicossomática*. Tese de Mestrado apresentada na EPM – 1993

_____ - “Sobre Deuses e Médicos – O Reencantamento da Medicina”, in *Junguiana 7*, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo 1989. Pg. 55 a 80.

FREUD, Sigmund - “La interpretación de los Sueños” - 1900 in *Obras Completas*, volume I, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid(Espanha) - 1967.

_____ - “Introducción Al Psicoanálisis” - 1917 in *Obras Completas*, volume II, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid (Espanha), 1968.

HILLMAN, James - *Psicologia Arquetípica*, Editora Cultrix, São Paulo - 1992

JUNG, C.G. - *A Natureza da Psique*, Editora Vozes, Petrópolis - 1984

_____ - *Memórias, Sonhos e Reflexões*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro – 1989.

_____ - *Símbolos de Transformación*, Editorial Paidós, Buenos Aires - 1977.

NEUMANN, Erich - *A criança*, Editora Cultrix, São Paulo - 1991.

VON FRANZ, Marie-Louise - *O caminho dos sonhos*, Editora Cultrix, São Paulo - 1992.

WHITMONT, Edward C. et al - *Sonhos – um portal para a fonte*, Summus Editorial, São Paulo – 1995.

